

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 167	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120	11 DE AGOSTO 1883	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antor ^{1.º} P.ª Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

CHRONICA OCCIDENTAL

Para desanuviar um pouco o espirito da população portugueza lugubrememente preocupado com o obituario colossal do Egypto, a Hespanha teve a graciosa amabilidade de nos fornecer uma revoluçãozinha em Badajoz, aqui ao pé da nossa porta.

E durante quarenta e oito horas Portugal esqueceu-se do cholera, para procurar noticias e telegrammas da revolução.

Isto faz bem, areja o espirito, está precisamente na letra das medidas sanitarias ordenadas pelo governo civil, distrae de preocupações tristes.

Foi por pouco tempo: a revolução abortou logo; essa sublevação que segundo as informações curiosas laboriosamente colhidas por um jornal de Lisboa, á ultima hora tinha o caracter contrario á actual ordem de coisas,— caso raro na historia das revoluções, que tem até por principal caracteristico, a adhesão sympathica e eloquente á ordem de causas, contra que são feitas — essa sublevação no fim de contas foi apenas contraria aos interesses e á carreira d'aquelles que a fizeram.

E hoje já ninguém falla na revolução de Badajoz, e os olhos aterrados da população voltam-se de novo para o Egypto e para os saguões da baixa.

Muita gente julga que esta insistencia em fallar, e em pensar no cholera, pode ser nociva aos espiritos fracos, e apavora a população, sem motivo felizmente.

É um erro. Esta insistencia familiarisa o publico com o perigo, e a prova é que á força de se fallar do cholera toda a gente falla hoje n'elle como na coisa mais trivial e innocente da vida.

O dictado francez — não ha grande homem, para o seu criado do quarto — é profundamente verdadeiro applicado a todas

as coisas da vida. Tudo que nos é familiar é muito menos grande tanto no bello como no horrivel, do que aquillo a que não estamos habituados.

Ninguém tem medo de ladrões na sua rua, embora essa rua seja o Pinhal da Azambuja e esse morador o Corentino da *Dinorah*.

Porque é que a febre amarella não apavora ninguém no Brazil?

Pelo mesmo motivo que os typhos, as pneumonias, as febres paludosas e a tuberculose não

apavoram ninguém em Lisboa: porque é o pão nosso de cada dia?

O habito é uma segunda natureza: a questão toda é a gente habituar-se.

Eu d'antes era inseparavel d'um rapaz, meu amigo intimo ainda hoje, e que então pensava em ir viver de todo para Paris.

A idéa d'essa separação preocupara-nos muito, e fazia-nos sentir a todo o instante a tristeza enorme pungentissima, da despedida.

E o que fizemos? Começámos a despedir-nos, todas as noites, com grandes abraços saudosos, com grandes effusões de ternura como se elle estivesse já com o pé no comboyo, em vez de estar com a mão no fecho da porta da sua casa, na rua da Oliveira ao Carmo.

E habituámo-nos de tal modo a estas despedidas dilacerantes, que por fim já nos não custavam inteiramente nada.

Felizmente perdemos o nosso tempo, com esse estudo de adeus, porque elle nunca foi para Paris.

Oxalá que com o cholera se dê o mesmo caso, e que se perca todo esse ensaio de precauções, e que como elle nunca foi, ella nunca venha.

Entretanto provado como está de que não pode resultar senão bem de se fallar do cholera, e que até talvez isso mesmo o afugente, fallar e mos d'elle, mas do que já lá vae ha muitos annos, do que passou por Lisboa deixando um rasto de lucto, uma tradição tragica de lagrimas.

E a essa tradição iremos buscar duas historias extravagantes, uma profundamente dramatica, outra d'um burlesco de farça, que no fim de contas são uma resultante logica d'essa terrivel molestia, que mata pelo frio, como os gelos da Siberia.

O cholera rouba a agua ao sangue, que se solidifica, para de circular e vem a morte com o frio, no chamado periodo algido.

Neste periodo o pulso cessa de bater perceptivelmente, o



DR. PEDRO FRANCISCO DA COSTA ALVARENGA — Fallecido a 14 de julho de 1883

(Segundo uma photographia de Mulnier)

resto da vida concentra-se no coração cujo palpar manso, sumido, apenas denunciado ás auscultações dos experientes, é o unico signal de que o cholérico não é ainda um cadaver.

Esta morte apparente que precede quasi sempre a morte real, nos cholericos, dá lugar a equívocos terríveis, a casos extranhos, tragicos de enterrados vivos.

Na grande epidemia do cholera de 1833 que houve em Portugal, a ignorancia de alguns, pouco escrupulo de muitos, a confusão de todos, multiplicou extraordinariamente esses casos e esses equívocos por todo o paiz.

E pelo grande numero dos que vieram a saber-se pôde calcular-se a cifra assustadora dos que ficaram eternamente ignorados, porque é raro saber-se d'esses equívocos, que de ordinario se desvendam entre as tabuas mudas e sinistras de caixões fechados.

Entre a multidão dos equívocos reconhecidos escolheremos dois dos mais característicos, um pela sua nota profundamente sinistra, á Edgard Poe, outro pela sua feição burlesca á Paulo de Kock.

O primeiro deu-se em Alhndra e foi-nos contado por uma testemunha presencial.

Uma pobre rapariga de 16 annos fôra atacada pelo cholera. O mal progrediu rapidamente, resistiu a todos os medicamentos, e o periodo algido chegou com todo o seu cortejo sinistro de symptomas lugubres de morte.

O pulso deixou de bater, a immobildade completa e rigida da morte decompoz-lhe rapidamente as feições.

A familia chorosa e saudosa despediu-se d'esse corpo querido e inerte; e a pobre creança envolto na sua mortalha verginal foi levada para o carneiro da egreja, um cemiterio que não era dado a todos e só se abria para os mortos ricos.

Aconteceu, porem, que esse carneiro esteve muito tempo sem se abrir. Quando passadas semanas voltaram lá a depositar outro morto, recuaram todos atarrados.

O caixão da pobre cholérica estava aberto, e o seu cadaver já meio decomposto estava sentado ao pé do caixão, tendo ao lado, em pequeninos montes, todas as fitas da mortalha.

Ao accorder do seu lethargo encontrara-se n'aquelle recinto de mortos: tivera ainda animo para fugir do caixão, mas não pudera sahir do seu vasto tumulo; gritára, clamára, ninguem a ouvira: durante longos dias, a sua distração foram as fitas da sua mortalha, e viera a tortura da fome, da sede, do terror, e por fim a mais horrivel, a mais tragica, a mais desesperadora, a mais longa, acabar aquella vida, que resurgira, entre mortos.

E ao ver aquelle cadaver sentado, ao comprehender aquelle sinistro drama, o sachrista, percebeu tudo e confessou então, que durante muitos dias, ao passar perto do carneiro, ouvira lá de dentro gritos e gemidos, e fugira sempre espavorido, atarrado, porque imaginava que eram almas do outro mundo!

É fertil em almas do outro mundo o cholera! Em Alhndra essas almas do outro mundo deram uma tragedia: em Lisboa originaram uma boa farça.

Na rua Formosa havia um ferrador casado. O cholera entrou-lhe em casa e um triste dia o pobre ferrador mettido na sua mortalha, foi em esquife até ao cemiterio das Mercês.

A viuva chorou-o dilacerantemente e quando alta noite estava entregue ao somno e á sua dor: — truz, truz, á porta.

A mulher ás primeiras pancadas não se incommodou. Mas em breve repetiram-se e com mais insistencia,

— Levantou-se estremunhada e perguntou por detraz dos vidros.

— Quem está ahí?

— Abre: sou eu.

— Eu, quem?

— Eu, teu marido!

A mulher persignou-se aterrorizada, e julgando-se victima de algum pesadelo, voltou para a sua cama.

As pancadas á porta continuaram. O moço de um padeiro, que morava defronte, veiu á porta vêr o que era aquelle barulho fóra de horas.

Deparou com um homem mettido n'uma enorme alva branca.

— Quem é? perguntou a tremer como varas verdes.

— Sou eu, o visinho, o ferrador.

— Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei! Almas do outro mundo!

E acudiram logo os cabos de policia, que a seu turno recuaram apavorados ante essa apparição d'alem tumulo.

— Almas do outro mundo! gritaram por sua vez. E a rua Formosa encheu-se de gente, e toda

recuava diante do phantasma, e só ao cabo de muito tempo é que o pobre ferrador, parlamentando de longe, com os mais corajosos, poude contar que resuscitára, que se encontrára dentro do esquife, conseguira levantar-se, vira-se no cemiterio, saltára por um muro, e como se tivessem esquecido de lhe pôr a mala com a sua roupa dentro do esquife, tivera que vir assim mesmo, de mortalha branca, até sua casa, vindo pelo caminho fugir toda a gente, quando elle se aproximava.

E depois de muito trabalho e de muitas explicações, conseguiu que o tomassem a serio, que sua mulher lhe abrisse a porta e despiisse o luto.

E viveu ainda muitos annos depois do seu enterro, o ferrador da rua Formosa!

Já vêem que o cholera, se é sinistro e terrivel, tem tambem as suas facecias. Oxalá porém que elle se deixe de nos visitar, porque apesar d'estas farças, é um hospede incommodo e medonho.

— Partiu para New-Castle, com sua esposa e seus dois filhos o nosso particular amigo Jayme Batalha Reis, que os leitores do OCCIDENTE conhecem muito pelos brilhantissimos escriptos com que tem honrado a nossa publicação.

Jayme Batalha Reis vae tomar ali posse do logar de consul portuguez, para que foi ultimamente nomeado.

A sua falta em Lisboa é enormemente sensivel. Batalha Reis é o conversador mais brilhante que conhecemos hoje no nosso paiz. Talento dos mais uberrimos de Portugal, um talento-excepção, que é grande em todos os ramos da actividade humana, tão grande, que não se pôde avaliar bem senão conhecendo-o de perto, porque é muito superior ás suas obras, — obras produzidas com a actividade febril a que a pequenez do nosso meio obriga todos que tem o trabalho intellectual como modo de vida — Batalha Reis tem sobre todos a especialidade do dito, da *verve* expontanea e permanente, da resposta sempre prompta e terrivel, o genio do cavaqueador em suma.

Desejamos-lhe a elle e a sua familia todas as prosperidades e venturas.

— Parte no proximo paquete das *Messageries* francezas para o Brazil o nosso amigo e distinctissimo poeta o sr. Jayme Victor.

Quando dissemos parte para o Brazil não dissemos bem, vae ao Brazil, porque Jayme Victor vae apenas fazer uma rapida digressão pelas principaes provincias, para lançar a grande edição manuscripta dos *Lusiadas*, de que elle é um dos directores.

O Brazil não pôde deixar de fazer um acolhimento entusiastico á idéa d'essa original edição dos *Lusiadas*, d'essa edição em que o poema de Camões é impresso com o *sangue cerebral de uma geração portugueza*, na phrase brilhante de Pinheiro Chagas, e não pôde deixar de fazer um acolhimento lisonjeiro ao illustre escriptor portuguez, que vae n'essa missão litteraria visitar as terras de Santa Cruz.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O DOUTOR PEDRO FRANCISCO DA COSTA ALVARENGA

Já em o n.º 165 do corrente anno a chronica do nosso periodico se occupou largamente do illustre morto, cujo retrato hoje apresentamos. O seu caracter moral, o seu excentrico modo de viver, a feição caracteristica do dr. Alvarenga, as suas virtudes, os seus defeitos, o seu *feitio* emfim como medico, como amigo e como homem da sociedade foram desenhados por quem o conheceu de perto, com elle privou annos, e teve occasião de o analisar com todos os apontamentos biographicos, para completar o quadro.

O doutor Pedro Francisco da Costa Alvarenga, de uma familia de origem portugueza, e com meios de fortuna, nasceu no Piahy, Brazil, em 1826, poucos annos depois da declaração de independencia d'aquelle imperio.

Depois de feitos os primeiros estudos na sua patria, veiu para a Europa afim de seguir o curso de medicina, para a qual se sentia inclinado.

Dirigiu-se á Belgica, fazendo com distincção o curso da referida faculdade em Bruxellas, onde foi recebido doutor pelos annos de 1849.

Dirigiu-se depois a Portugal, e feito o respectivo exame na Universidade de Coimbra, começou a exercer a clinica em Lisboa, onde fixou a sua residencia, publicando em 1850 a sua primeira obra: *Mudança no comprimento dos membros pelvianos na coxalgia*, these.

Vagando a cadeira de materia-medica na escola medico-cirurgica de Lisboa, concorreu a ella o dr. Alvarenga, e obteve o respectivo provimento, e era, quando falleceu, professor jubilado.

Em 1856 invadiu Lisboa a cholera-morbus epidemica, e o dr. Alvarenga foi encarregado de dirigir a clinica no hospital organizado em Sant'Anna. Antes havia apresentado á Sociedade das Sciencias medicas de Lisboa um *Estudo de algumas das mais importantes questões sobre a cholera epidemica*, 1854, que foi premiado pela sociedade e inserto no tom. xiv e xv do *Jornal* (?) da mesma.

Durante a epidemia e depois publicou: *Considerações sobre a cholera-morbus-epidemica no Hospital de S. José de Lisboa, 1856; Relatorio sobre a epidemia da cholera morbus no Hospital de Sant'Anna em 1856*. Lisboa 1858.

Em 1857 foi Lisboa invadida por novo flagello, e tanto mais temeroso, quanto era desconhecido entre nós, a febre amarella. O dr. Alvarenga foi encarregado do tratamento d'esta epidemia na freguezia da Pena e especialmente no hospital do Desterro. Estava então na força da vida, a actividade que desenvolveu n'este serviço foi espantosa e Lisboa deve-lhe muito. Do estudo, observação e tratamento d'esta epidemia dão testemunho o *Esboço historico sobre a epidemia da febre amarella na freguezia da Pena em 1857*. Lisboa 1859. — *Anatomia pathologica e symptomalogia da febre amarella em Lisboa no anno de 1857*. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa em Julho de 1860. Lisboa. Typ. da Academ. 1861. 80 gr. de xvii — 238 pag. e 18 mappas, traduzida em francez e publicada pelo dr. Garnier em Paris, 1861.

O dr. Alvarenga dedicou-se principalmente ao estudo do coração e suas affecções e o seu primeiro trabalho sobre este assumpto, sahido dos prelos da Imprensa Nacional em 1855 tem por titulo: *Memoria sobre a insuficiencia das valvulas aorticas, e considerações geraes sobre as doencas do coração*, que foi traduzida em francez pelo dr. Garnier, e impressa em Paris no anno seguinte. *Como actum as substancias branca e cinzenta da medulla espiral*. Lisboa, 1862. — *Estado da questão acerca do duplo sopro crural na insuficiencia das valvulas aorticas*, Lisboa, 1863. Sobre o descobrimento do duplo sopro crural pretendeu disputar a prioridade o dr. Durozicz, Alvarenga reclamou, dando-se por vencido o seu contendor, como se pôde vêr nas *Reclamations et réponses*, etc., Lisbonne, 1880.

Não podemos dar a lista completa das obras do dr. Alvarenga, que são muitas e se podem vêr á frente das suas ultimas publicações; de certo as descreverá o sr. dr. Rodrigues de Gusmão, na biographia do notavel medico, que por seu pedido está redigindo.

Do seu testamento, singular testemunho de beneficencia e de vangloria, de que não são isentos muitos grandes homens, entre muitos legados, a amigos e pessoas das suas relações, criados, etc., extrahimos aquelles que são feitos com fim litterario ou de beneficencia geral.

Consigna o fundo de 7:000\$000 de réis nominaes em coupons a cada um dos seguintes estabelecimentos: Academia Real das Sciencias de Lisboa, de medicina de Paris, da Belgica, de Vienna d'Austria, sociedade de medicina de Berlim, de Stockholm, e do Rio de Janeiro, para com o seu juro se constituir o premio Alvarenga que será adjudicado á melhor obra de medicina, que se apresentar em concurso annual.

A sociedade anatomica hespanhola 94:500 pectas, e á *Society medical of London* 500 libras para o mesmo fim.

Para o alumno que se tornar mais distincto na cadeira de materia medica terapeutica, na Escola Medica de Lisboa, e faculdade de medicina do Rio de Janeiro e de Coimbra outro premio, para o que lega a cada uma 20 obrigações da companhia das aguas de Lisboa.

Ao hospital de S. José de Lisboa, 500\$000 réis, afim de se comprarem camas, para a enfermaria de S. Sebastião e 10 obrigações da companhia das aguas, para com o seu producto serem annualmente comprados colchoes, enxergões, cobertores e lençoes para 50 camas.

Deixa o uso fructo de certos legados a varias pessoas, passando depois a sua propriedade: de 40 obrigações da companhia das aguas para o Hospital de S. José, afim de se comprarem para a enfermaria de Santa Catharina camas iguaes ás de S. Sebastião; — de 30 das mesmas obrigações para a congregação de caridade da sua freguezia afim de ser distribuido o juro, por pessoas necessitadas, no dia anniversario do seu falecimento; de 4:500\$000 réis em coupons para a Camara Municipal de Lisboa, afim de fundar uma modesta escola no bairro oriental, para meni-

nas; da herança de sua irmã D. Carlota, para a auctoridade competente do Piahy, afim de fundar em Deira uma escola para creanças pobres dos dois sexos.

A casa da Misericórdia de Lisboa um foro de 43\$200 réis para ser distribuido pelas mães das pensionistas d'aquella casa, residentes na freguezia das Mercês.

A congregação de caridade da freguezia de S. Mamede, Lisboa, 20 obrigações prediaes de assentamento.

O remanescente da herança será applicado á construcção de um edificio para instrucção, situado entre Alcantara e Pedrouços, reservando-se 8:000\$000 em inscrições, cujo juro constituirá o ordenado do professor e conservador.

Determinou que o seu cadaver fosse cremado, encerrado em uma urna de prata, que deverá ser depositada na faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Os testamenteiros nomeados, deram a sua escusa do encargo. Duvidas sobre a nacionalidade que deve ser assignada ao illustre medico, tem embaraçado as auctoridades no desempenho do seu dever. Parece-nos porém que tendo accedido cargos, titulos honorificos de Portugal, sem auctorisação do seu paiz, não tendo tirado bilhete de residencia, nem dado provas de reconhecimento ás auctoridades diplomaticas e consulares brasileiras, não pode deixar de ser considerado portuguez.

O que desejamos é que os importantes legados se comprem, e que a vontade do fallecido a 14 de julho findo, em Lisboa, não fique eternamente por executar.

O dr. Alvarenga pertencia a quantas sociedades medicas, anthropologicas, e ainda outras, ha mais importantes na Europa, America e Africa, era redactor, havia muitos annos, da *Gazeta Medica de Lisboa*, medico do hospital de S. José, da Casa da Misericórdia de Lisboa, e medico honorario da casa real de Portugal.

O MAJOR JOÃO MARIA PEREIRA

Por decreto de 10 de maio do corrente anno foi nomeado governador do districto de Timor o capitão de cavallaria João Maria Pereira, sendo por esse facto promovido ao posto de major. No dia 4 de junho partiu para o seu destino, onde naturalmente já deve ter chegado.

O major Pereira é natural do Porto, onde nasceu a 7 de outubro de 1846, dois dias antes da contra-revolução feita em opposição ao movimento de 6 do mesmo mez em Lisboa. Não obstante ter sido o seu berço embalado pelo fremito da guerra civil, o caracter do novo governador nada deixa perceber de que semelhante coincidência lhe tivesse deixado na alma infantil algum traço indelevel. Bondoso e afável, torna-se estimado de todos.

Assentou praça em 1 de agosto de 1863, e concluido o curso da respectiva arma, foi promovido a alferes graduado de cavallaria n.º 4 em 15 de janeiro de 1868, e a alferes effectivo para o n.º 5 da mesma arma em 31 de agosto de 1869, e a tenente em 15 de abril de 1874.

Por decreto de 9 de agosto de 1876 foi elevado a capitão, para ir desempenhar uma commissão no Ultramar.

Chegou a Moçambique em 24 de março de 1877, e em julho partiu no vapor *Kafis* para o Ibo, afim de proceder ahi a estudos topographicos; fez tambem os estudos da estrada do Mossuril á Cabacaia, no continente, junto a Moçambique. Em 21 de fevereiro de 1878 partiu de novo para o Ibo, afim de ir dirigir os trabalhos das obras publicas no districto de Cabo Delgado, donde recolheu em 7 de maio de 1880, regressando então a Portugal, apresentando-se no ministerio da guerra em 10 de julho.

Ficou fazendo serviço neste ministerio, e nomeado ajudante de campo do respectivo ministerio por portaria de 28 de março de 1881.

Continuou a servir no ministerio da guerra, e fez parte da commissão encarregada de formular um regulamento de tactica para a arma de cavallaria.

É cavalleiro da Ordem militar de S. Bento de Aviz, e condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar.

Como se vê, o novo governador tem já alguns annos de tirocinio do Ultramar, e deve-se esperar d'elle bom desempenho das importantes funcções, de que hoje se acha investido.

PALACIO DO GOVERNO DE MACAU

Não são tão faltas as nossas possessões ultramarinas de edificios importantes, como geral-

mente se cuida. E entre todas distingue-se Macau pela nobreza e magestade de alguns.

Sem entrarmos em promeneiros que nos levariam espaço e tempo, fallaremos em poucas palavras do magestoso edificio que hoje apresentamos em gravura, o *palacio do governo de Macau*.

Deve esta possessão ao fallecido visconde da Praia Grande de Macau, muitos melhoramentos, e entre elles não é o menor o edificio de que tratamos.

Foi durante o seu longo governo (1850 a 1862) que elle foi construido. Conservou a sua primitiva disposição até 1872, em que sob o governo do sr. visconde de S. Januario, lhe foi acrescentado o corpo central saliente, que o melhorou na distribuição interior augmentando a belleza exterior.

Está situado na Praia Grande, com frente para o mar, e n'essa face se desdobram cinco salões espaçosos.

O tufão de 1874, causou-lhe enormes prejuizos, nomeadamente na riquissima mobilia que guarnecia essas salas, que ficou destruida.

O tufão, que açoitou Macau um ou dois annos depois, derrocou uma das alas do palacio, determinando a necessidade da sua reconstrucção, começada durante o governo do visconde de Paço d'Arcos, e concluida em 1881 durante o governo do sr. coronel Graça, regressado ha pouco tempo.

Hoje está o edificio outra vez completo, e em toda a sua belleza.

Ao lado, e ao fmdo de um peristillo cercado de columnas, está estabelecida a casa da guarda, com a qual nenhuma, nem mesmo no continente, pôde competir em belleza e commodidades.

EXPOSIÇÃO DE AMSTERDAM

Tem-se dito que a exposição de Amsterdam offerencia a singularidade de ser feita por uma empreza particular; muito antes d'isso, a nossa exposição internacional do Porto em 1865, tambem foi promovida por uma empreza particular, em que alguns individuos comprometteram os seus capitaes, e de que resultou uma das melhores coisas do Porto, o palacio de cristal e o seu parque.

Em Amsterdam foram mais felizes, e os seus esforços coroados de melhor resultado do que na rainha do Douro.

O palacio da exposição que hoje apresentamos, eleva-se no meio de um parque, por traz do museu real, e cobre, por si só, uma superficie de perto de sessenta mil metros quadrados. A fachada bella e muito original é obra do architecto francez Fouquiau. Compõe-se de duas grandes torres quadradas, coroadas de figuras indianas, dispostas em forma de pyramides. Enormes elefantes esculpidos no seu embasamento, parecem sustentar as torres, ligadas por um immenso toldo vermelho, seguro a mastros, junto aos quaes alguns leões estão assentados.

Entrando-se a porta, penetra-se nas grandes galerias, e nas lateraes, cujos telhados, esvaecendo-se até ao ultimo plano, se divisam na nossa gravura.

N'estas galerias estão agrupados por secções os productos das diversas nações que tomam parte na exposição.

O numero total de expositores é de 7:021, além de 11 exposições collectivas. A França, a mais luxuosamente installada, tem 1:422 expositores afora 225 da Algeria, e uma exposição especial collectiva das colonias, esplendida. A Belgica, tambem magnificamente representada, apresenta 1:163 expositores; a Alemanha do Norte 1:187; a Inglaterra e Irlanda apenas 285, mas ostenta quatro importantissimas exposições colonias da Australia, India ingleza, Jamaica e Mauricia: a Austria-Hungria 178; a Russia 708, a Italia 80, a Suecia e Noruega 37, a republica do Uruguay 76, os Estados Unidos 36, a Hespanha 16, mas junta uma exposição colonial collectiva, rica e abundante, disposta em uma galeria especial; a China, o Japão, a Persia, outros estados da America, Siam, Cabo da Boa Esperança, Transvaal; n'esta ultima secção ha uma collecção de vinhos imitados, que deve chamar a attenção dos nossos viticultores, por que alli se acham entre outras imitações de vinhos francezes, inglezes e allemães, as do Porto, Madeira, Jeropiga e Moscatel; que grande falta faz, não estarem alli representadas as originaes para se fazer o confronto. Os vinhos são em geral adocicados, posto que bem feitos, e o seu preço no deposito, em Londres, regula de 150 a 450 por garrafa.

A secção hollandeza tem 1:139 expositores, e a brasileira 902. O numero e qualidade dos cafés apresentados n'esta exposição tem atrahido

sobre ella a attenção do publico; n'este genero que riquissimos productos poderiamos apresentar, e sem receio quasi de competidores, se tivessesmos levado alli os nossos cafés de Cabo Verde, Casengo, S. Thomé, e o riquissimo de Moçambique, tão igual ao de Moka.

O palacio é cercado por um parque desenhado á franceza, e semeado de pequenas casas e kiosques, com estabelecimentos de todo o genero. Ao fundo, á direita está o pavilhão das bellas artes; no primeiro plano do mesmo lado, está o pavilhão real, o da cidade de Amstardam, o da imprensa, etc.

A esquerda é o alpendre das machinas, occupando uma superficie de doze mil metros quadrados. Ainda do mesmo lado está situado o pavilhão da cidade de Paris.

É notavel que o promotor d'este certamen, e secretario geral da exposição, seja um francez, o sr. Agostini, e que ella fosse executada por uma sociedade franco-belga.

Ha todos os atractivos que costumam tornar agradaveis estas grandes reuniões cosmopolitas; restaurantes, cafés, pavilhões com recreios; musicas, theatros jogos de varios generos, e as exposições especiaes da Persia e China etc., que são como que, umas feiras ou bazares, recheados de todos aquelles artefactos curiosos e singulares que atrahem o visitante e o obrigam a comprar qualquer curiosidade.

Portugal não se fez representar n'esta exposição, onde até veio o Haiti e a Nova Galles do Sul. Deu-se como causa não poder o governo distrahir meios alguns de receita. Com um pouquinho de boa vontade, e um appello ao provado patriotismo portuguez, tinha-se poupado ao paiz esta vergonha. Outras devem ter sido as causas, que não sabemos aventar nem prescrutar, diremos como aquella canção dos emigrados de Plimouth:

Segredos são estes
Que tu não entendes
Mysterios que offendes
Querendo-os sondar.

O facto é que não fomos lá, e que os nossos governos nunca se lembram d'aquelle ditado portuguez: quem não apparece, esquece.

Emfim á ultima hora, sempre se mandou alguma coisa, foi uma collecção de trabalhos importantes para a secção medica d'aquella exposição.

Compõe-se de 85 peças entre livros, desenhos e photographias, e foi organizada pelos srs. Esteves e Ferreira Ribeiro. Os relatorios medicos do Ultramar de 1869 a 1881, constituem 12 volumes. Ha um trabalho importante com relação á acclimação dos europeus, e immundade do negro perante as febres palustres, etc. com que se pretende responder a algumas partes do programma.

Bom foi esta resolução para se ver que n'este paiz se estuda e trabalha, apesar das contrariedades de todo o genero.

DESASTRE DO VAPOR DAPHNE

No dia 3 de julho ultimo occorreu em Glasgow uma catastrophe de que as folhas diarias deram noticia e de que nós agora damos a gravura a pag. 184.

Nas dokas dos srs. Stephens e Filho, em Linthouse, Govan, proximo de Glasgow, tinha-se concluido a construcção do *Daphne*, magnifico vapor de 400 toneladas destinado á companhia de Navegação de Glasgow e Londonderry.

Tudo estava na melhor ordem e disposição e nada fazia suspeitar qualquer desgraça; uns 200 operarios estavam a bordo concluindo as ultimas obras do navio, a hora de o lançar á agua chegou, e com ella a voz de o largar da carreira, mas no momento em que o barco entrava na agua, perdeu o equilibrio e tombou todo a bombordo sepultando comsigo no mar toda a gente que levava.

A scena que então se passou é facil de imaginar, ainda que as grandes desgraças mais as sente quem as soffre.

Das 200 pessoas que se achavam no navio apenas se salvaram 80 que iam na coberta ou mais proximas das escotilhas, perecendo as restantes 120, que iam nas anteparas e outras divisões mais interiores.

É este facto tão singular, que encheu de asombro quantos o presenciaram e d'elle tem tido noticia, chegando mesmo a proceder-se a varios inqueritos sobre a sua origem, o que dará talvez, logar a algum processo celebre.

Pouco depois do sinistro abriu-se logo ali uma subscrição, para succorro das familias desgraçadas por aquelle fatal accidente, a qual subiu já a 9:000 libras estrelinas.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 163)

Durante os ultimos tempos da dominação de D. Miguel em Lisboa, estiveram fechados todos os theatros da capital e só reabriram no fim de julho 1833, por occasião dos festejos com que os lisboetas celebraram a victoria alcançada pela divisão do duque da Terceira, e a chegada de D. Pedro IV. Os actores andavam dispersos, e por isso foram as representações desempenhadas por alguns dos que se poderam reunir, e que anteceden- temente haviam funcionado em diferentes casas de espectáculo. O periodico a *Aurora Regenerada* diz no seu numero de 1 de agosto d'aquelle anno, que o rego- sijo do povo foi augmentado em 31 de julho com «diversos espec- táculos, todos elles recreati- vos, taes como de theatro (pois até de tal estavamos privados)...».

Nos restantes mezes de 1833 poucas ou nenhuma representações houve na Rua dos Condes. Em janeiro de 1834 annunciou a *Chronica Constitucional*, que se devia realizar n'aquelle mez o beneficio da actriz Maria Can- dida de Sousa; e comtudo esta recita foi transferida duas vezes, e só veiu a effectuar-se a 18 de março. Durante o resto do anno poucas representações ali houve, sendo quasi todas em beneficio da sociedade de actores ou de algum artista de maior nomeada, como por exemplo a actriz Maria do Carmo e Silva, que é já nossa conhecida, e que realisou a sua festa a 6 de maio, com o drama novo *O Duque Regente vi- sitando as provincias*, na qual fez repentinamente o papel de galã. Em nenhum dos dias assignala-



O MAJOR JOÃO MARIA PEREIRA, NOVO GOVERNADOR DE TIMOR

(Segundo uma photographia de Camacho)

dos no calendario liberal deixou tambem de haver espectáculo, que sempre constou de algum elogio. Para festejar o anniversario de D. Maria II subiu á scena a peça allegorica a *Estancia da Primavera*, e a 29 de abril, dia da outhorga da carta constitucional, deu-se o elogio *O anniversario do Olympo*. E' de crer que a musa liberal não fosse mais feliz que a do despotismo, na inspiração d'estas extravagancias dramaticas.

Nos ultimos dias de 1834 che- gou a Lisboa a companhia fran- ceza, de que era director o ho- mem que, depois de Garrett, maior influencia teve na regene- ração por que passou a arte dra- matica portugueza, no segundo quartel d'este seculo.

Não era a primeira vez que o publico lisbonense podia apreciar actores francezes. Doze annos mais cedo, estivera no theatro do Salitre uma companhia dra- matica da qual faziam parte as actrices mademoiselles Beaupré, Alphonsine, Boisservoise e Sou- plet, e os actores mrs. Saint Eu- gène, Derouvére, Jourdain, Bally, Stephany e Lecouvreur. A estreia foi a 31 de agosto de 1822 com o *Hamlet*, arranjado por Ducis. Seguiram-se o *Tartufo* e muitas pe- ças de Racine, Corneille, Beau- marchais, Regnard, Voltaire, Se- daine, Marivaux, Bouilli, La Harpe, Scribe, etc. Apesar da excellen- cia do repertorio, esta compa- nhia não foi feliz no Salitre e por isso se transferiu para o thea- tro do Bairro Alto, começando ali a representar a 4 de janeiro de 1823. A fortuna mais uma vez se lhe mostrou adversa, de sorte que os actores francezes tiveram que fazer beneficios aos dois e dois, a fim de arranjarem o di- nheiro sufficiente para se trans-



PALACIO DO GOVERNO PORTUGUEZ, EM MACAU (Segundo uma photographia)



EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE AMSTERDAM — VISTA GERAL DO PALACIO E PARQUE

portar para o seu paiz. Em 1834 tinha maior probabilidade de bom exito uma empresa semelhante, visto acharem-se ainda em Lisboa muitos dos officiaes estrangeiros que tinham acompanhado o duque de Bragança, e tambem pela circumstancia de que o conhecimento da lingua franceza se havia generalisado bastante entre nós, em consequencia de terem vivido algum tempo em França, os portuguezes que a intransigencia do governo de D. Miguel compellira á emigração.

Foi portanto com certo alvoroço, que o publico de Lisboa soube da vinda da companhia de Emilio Doux. Na folha o *Nacional*, noticiou a 30 de dezembro de 1834, «um assignante fixo dos theatros» que acabava de chegar á nossa capital aquelle artista, acompanhado por trinta actores do mesmo genero, e munido de um bom repertorio de composições theatraes antigas e modernas, e de alguns utensilios necessarios para illuminação. Lembrou aos comicos portuguezes que não perdessem uma occasião tão boa de se instruirem divertindo-se, e acrescentou fazer-lhes esta rogativa com a mesma humildade, com que elles pediam ao publico os deixasse *embutirem-lhe* um bilhete de beneficio.

Vinham com Emilio Doux, além de outros, os actores Roland, Duru, Charlet, Tetreau, e as actrizes madames Roland, Chartou, Lelong, Olivier e mademoiselle Jeault. Tambem esteve em Portugal com esta companhia o actor Paul, que já n'aquelle tempo alcançara proeminente logar entre os artistas do theatro de Madame (Gymnase) em Paris, e cujo nome figura no grande dicionario de Pedro Larousse.

Estreou-se a companhia de Emilio Doux no domingo, 4 de janeiro de 1835, no theatro da rua dos Condes, com a comedia em verso *Le secret du ménage*, o drama de Scribe *Une faute* e a farça do mesmo auctor *Les premiers amours*. Foi extraordinario o triumpho. Tudo o que havia de mais selecto na sociedade lisbonense não faltou, aquella noite, no theatro. A propria sala de espectaculos não parecia a mesma, em razão de terem sido substituidas as placas com vellas, collocadas entre os camarotes, por um lustre de candieiros de azeite, que illuminava perfectamente.

As recitas da companhia franceza continuaram a chamar concorrência, e alternavam-se com as representações dos actores nacionaes.

Iam alguns d'estes, no entretanto, com o verem o trabalho dos artistas estrangeiros, corrigindo os defeitos que nenhuma educação desbravara. Eram as companhias hespanholas as que mais frequentemente nos visitavam, e por essas não se emendariam os nossos actores por certo da *terrivel cantilena* com que todos elles recitavam os seus papeis, segundo se expressa o periodico *Desenjoativo theatral*, comparando em 1836 a arte de representar d'esse tempo, com a que imperava alguns annos atraz.

Tão pouco achariam os actores portuguezes lição proveitosa, assistindo ás recitas das companhias, que do reino visinho tinham antes vindo para o Salitre, e para os dois theatros do Bairro Alto, se tratassem de procurar emenda para a sua gesticulação exagerada, e convencional.

(Continua) Maximiliano de Azevedo.

DEZ DIAS EM HESPAHHA

NOTAS DE VIAGEM

II

(Continuado do numero antecedente)

Era uma mesa enorme, a mesa do Hotel dos Embaixadores, casa de jantar no rez do chão, com duas portas de vidraça abrindo para a rua, e com umas frestas para uma travessa onde paravam constantemente varios grupos de transeuntes a vêr os hospedes comer, como se assistissem a um banquete de feras.

Pois apesar do seu grande comprimento a mesa do Hotel dos Embaixadores estava n'esses dias quasi totalmente cheia de portuguezes.

Hespanhoes só havia cinco a essa mesa, um senador, um excellente homem, muito delicado e muito amavel, optimo conversador; um catalão milionario, uma catalã lindissima, que tinha um esplendido cabello louro, e uns grandes olhos azues, que fitava demoradamente em toda a gente com uma persistencia petulante e equívoca, e duas catalans feias e velhas que lhe serviam de *dames de compagnie*.

Era um typo excêntrico, essa catalã bonita. Nas suas *alures* havia a liberdade leviana da *colle*, e entretanto essa mulher foi para todos os hospedes dos Embaixadores um mysterio.

Conversava bem, era intelligente, viva, sympathica, conversava como uma senhora, mas o olhar, muito demorado, muito provocante, fazia andar a cabeça á roda a muitos portuguezes...

Este olhar da catalã fez-me lembrar uma historia acontecida em Lisboa, ha annos, a um conde suizo, e contei-a como prevenção a alguns dos meus compatriotas.

Foi pelo tempo em que veiu a Lisboa o principe de Galles.

Uma noite, no theatro de S. Carlos, vi entrar nas cadeiras e sentar-se ao meu lado, um homem alto, muito branco, muito louro, com uns grandes bigodes louros levantados em *croc*, vestido com toda a distincção de uma escrupulosa etiqueta. Era por força um estrangeiro.

No meio de um acto o rei e a rainha appareceram no seu camarote. Nas cadeiras levantaram-se cerimoniosamente, cumprimentando os monarchas, os diplomatas, as pessoas da corte...

— C'est le roi? perguntou-me o meu visinho louro.

— Oui, c'est le roi.

— Et Madame c'est la Reine, c'est la fille de Victor Emanuel.

— Oui.

— Ah! très gentille la reine...

E começámos a conversar.

Efectivamente o meu visinho era estrangeiro: era um conde suizo, o conde de Carriero, jornalista em Calcuttá, que acompanhára na sua viagem pelas Indias o principe de Galles, e que n'esse dia chegára a Lisboa, onde vinha esperar o principe, para continuar junto d'elle a sua missão de chronista de um jornal illustrado inglez.

Era a primeira vez que vinha a Lisboa, não conhecia aqui ninguem; hospedara-se no Braganza, e fôra passar a sua primeira noite portugueza ao theatro de S. Carlos.

Travámos relações: e fui guia do meu confrade de Calcuttá em Lisboa.

Elle gostava muito da terra, mas sobretudo o que o impressionava immenso eram as mulheres, a maneira como ellas olhavam.

Uma tarde encontrei-o no Chiado, muito atarefado, muito contente, atraz de duas senhoras muito conhecidas.

— Onde vae você?

— Vou em *bonne fortune*, respondeu-me elle radiante, querendo safar-se-me.

— Mas espere ahi... *bonne fortune* com quem...

— Com aquella rapariga de cabelo preto.

— Esteja quieto: olhe que perde o seu tempo, e faz um papel triste: aquella rapariga é uma senhora, e uma senhora muito honesta.

— Ora adeus! se você visse como ella olhou para mim.

N'isto passavam para baixo outras duas mulheres... Olharam casualmente para nós.

— Viu, viu o olhar que esta me deitou?

— Ó homem! olhou como olha para toda a gente.

— Qual historia! uma mulher séria nunca olha assim para um homem. Vou atraz d'ella!

— Espere ahi, espere ahi...

— Nada, nada, vou atraz d'ella...

E deitou a correr pelo Chiado abaixo. Não estava habituado ao olhar das portuguezas, como os portuguezes do Hotel dos Embaixadores não estavam habituados ao olhar da catalã.

Ora, uma tarde, quando eu atravessava a rua dos Fanqueiros, esbarro no meu suizo, que vinha á desfilada das bandas da Magdalena encarcado como se tivesse apanhado uma botega d'agua de dezembro, olhei para o ceu, estava d'uma limpidez azul transparente. Nem uma nuvem sequer...

— Que é isso, homem? D'onde vem você? Onde lhe choveu?

— Choveu-me no largo da Sé... contou-me ensopado o conde de Carriero. Tinha ido atraz de duas mulheres que me tinham olhado com uma persistencia bem clara; chegaram a uma casa, entraram e quando eu ia a entrar tambem, bateram-me com a porta na cara. Fiquei um pedaço á espera. Toquei á campainha. Nada. Tornei a tocar, nada. Repito com mais força, então sinto abrir uma janella. Olho. Era a mulher que me tinha olhado. Dirijo-lhe a falla. Ella fecha a janella. Não desisto. Torno a bater, tanto, e tanto, que a janella abre-se... olho para cima ansioso... e zás! a mulher do olhar terno despeja-me sobre a cabeça um balde cheio de agua!

Graças a esta historia que contei em Madrid, aos meus compatriotas creio que nenhum d'elles apanhou chuva no hotel dos Embaixadores.

(Continua).

Gervasio Lobato.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR O

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

III

(Continuado do numero 159)

Depois de escriptos e impressos os dois paragraphos antecedentes, foi-me remettido pelo sr. dr. Augusto Filipe Simões o seu precioso opusculo, intitulado: *A invenção dos aerostatos reivindicada*, etc., onde o illustre professor refundiu e additou os artigos que annos antes inserira no *Instituto*, e a que nos temos referido.

Fundado nas explicações dadas em um manuscrito da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, apresenta o sr. dr. Simões um desenho que julga ser a representação razoavel e provavel do invento do padre Bartholomeu Lourenço. Substituindo á barquinha que apresenta, a *Passarola* da gravura de 1774 (?) como dissemos, nenhuma duvida se offerece, de que poderia ser assim o aerostato de 1709.

A discussão scientifica do sr. dr. Simões é conclusiva, e os documentos, principalmente as poesias satyricas do tempo, assás nos demonstram que o facto é verdadeiro.

A memoria d'esse invento ficou viva na tradição, e, como teremos occasião de vêr adiante, as proprias pessoas, suas contemporaneas, que nem de vista conheciam o padre Bartholomeu, tinham d'elle conhecimento de ouvida e pela sua alcuha de — *voador*. Os mesmos magistrados assim o appellidavam nos seus actos officiaes.

Esta constancia, já não tradicional, mas presente, mas viva, mas contemporanea, tinha por força origem em um facto larga e amplamente conhecido.

O ponto menos bem assente em todo este assumpto, tem sido a occasião ou logar da experiencia.

Quatro são as versões que se apresentam: tres já apontadas pelos escriptores que me precederam, e uma por mim encontrada em um manuscrito da Torre do Tombo, e que depois vi ter sido já referida pelo sr. Figanieri, *Catalogo dos manuscritos portuguezes existentes no Museu britannico*, quando descreve a fl. 380 do n.º 15201 dos manuscritos addicionaes, a pag. 309 da sua obra.

Dizem pois as quatro versões, que a experiencia se fez: 1.º dentro de uma sala do palacio real; 2.º dentro do pateo da casa da India; 3.º de um lado para outro do Terreiro do Paço; 4.º do castello de S. Jorge para o torreão da casa da India.

Tres d'estas versões podem ser exactas, sem que isso implique impossibilidade. Nada mais natural do que antes de se fazer uma experiencia publica, o padre Bartholomeu, para satisfazer a curiosidade dos monarchas e dispol-os a auxiliar o seu invento, construir um pequeno balão, que podesse subir em uma sala; o balão, como referem as memorias contemporaneas, incendiou-se e caíu, queimando uma cortina. Este dado é precioso, porque prova que o meio de que se servia o inventor era o ar aquecido e não o magnetismo, como se fingia.

Transtornada esta experiencia, por qualquer accidente, era força tornar-a a fazer, para mostrar a possibilidade do seu invento, o que se não podera verificar na primeira tentativa. Para isto construiria o padre outra machina, e para evitar o inconveniente d'aquella, se faria a experiencia no pateo da casa da India, subindo então o aerostato até á altura da sala dos embaixadores, o que resolveria o monarcha a prestar o seu auxilio ao mancebo. Seguir-se-hia então o despacho e ordem para se fornecer tudo o necessario para a experiencia em grande.

Este é o ponto mais difficil de assentar. É certo que por ordem do governo o padre comprara arame e o mais preciso para o effeito, como dizem manuscritos já publicados; e a experiencia em grande fez-se, como é constante, subindo o padre Bartholomeu no seu aerostato. Segundo os manuscritos apresentados pelos srs. Freire de Carvalho e dr. Filipe Simões a experiencia se faria por um percurso de um lado para o outro do Terreiro do Paço, mas segundo o opusculo a que se refere o sr. Figanieri, e segundo o manuscrito que eu encontrei, ter-se-hia realisado partindo o aerostato da praça d'armas do Castello de S. Jorge e vindo cahir no Terreiro do Paço. Eis a nota, que descobri, e é documento precioso:

«Suposto como certo e infalível, que o Author achando o segredo do gaz, o havia de encobrir ate estar certo da felicidade de suas operações, e de alcançar os premios que pertencia, devemos confessar que era justo o encobrisse fingindo que o ascenso da Machina procedia de outros principios attractivos, com que o vulgo se enganasse: E assim não obstante que diga, que dentro dos globos hia a Magnete, cuja virtude faria sobir a Machina, ou barca, com tudo sua elevação não podia proceder da virtude attractiva, mas sim da expansão, e força do gaz, a que o Author chama segredo que hia dentro dos globos—ou talvez no velame. O certo he, que o Author era coriozissimo na composição de fogo do ar, e que esta Machina foi experimentada, e lançada da Praça de Armas do Castello, e que veio cahir no Torrião da parte occidental da Praça, que então era Terreiro do Passo, e o Torrião caza da India, e hoje he Praça do Comercio, e o Torrião está por concluir, e disto havia muitas testemunhas que alcançaram os meus dias. O fim dezastrado do Author foi cauza de Portugal não ter a gloria desta descoberta.» —Pinheiro. —

Existe esta nota em um dos oitenta e tantos volumes de manuscritos, cópias de outros e de diversos impressos, feitas por frei Lucas de S. Joaquim Pinheiro, lente jubilado de Theologia e religioso de S. Paulo, recolhidos na Torre do Tombo. Existe no vol. 1:012 dos manuscritos d'aquella casa, e com essa nota substituiu o padre Pinheiro, na sua cópia do opusculo — *Petição*, etc., a que se acha no verso da gravura que publicamos a pag. 109.

Referindo-se as noticias descobertas a testemunhos de pessoas antigas, é decerto impossivel afirmar qual dellas seja mais digna de fé. Os termos desta ultima parecem-nos porem muito decisivos.

Algumas expressões das poesias confirmam o que asseveramos. Vejamos. Diz-se em um soneto:

Sabe a consulta, *passa-se Lisboa*
No entanto esquece a fome no Terreiro:
Bem merece este duende eterno assento
.....
Pois um milagre fez, que é mais que novo,
Em manter tantas boccas só de vento,
Fazendo camaleão de tanto povo.

Em outra alludindo-se ao geral alvoroço pelo invento, diz-se:

Não é mais voar um monte
Que abalar uma cidade.

Em uma decima publicada pelo sr. dr. Simões a pag. 55 do seu livrinho, que é a 2.^a de quatro feitas a uma *barquinha de coiro*, que impedia que qualquer se afogasse na agua, lê-se:

Quando eu vi a tal barquinha
Pelo Tejo dar á sola,
Me lembrou a Passarola
De quem Deus tem.....

Em outras poesias publicadas e ineditas, mas que breve verão a luz publica, as allusões são frequentes ao invento, e estas não podiam ter tomado tamanha extensão, se o conhecimento do assumpto não tivesse sido do dominio publico, o que só se poderia ter realizado pela inspecção occular, vista a falta de publicidade d'aquelles tempos.

O que se colhe de tudo isto é que a experiencia fez-se; que por esse facto Bartholomeu Lourenço ficou conhecido pelo *Voador*, o que naturalmente não succederia se elle não tivesse atravessado o ar; que o seu invento ficou conhecido pelo nome de *Passarola*, para o vulgo, nome por que tambem o designariam a elle; que Bartholomeu Lourenço reconheceria algum defeito na sua machina, pelo qual ella não poderia cumprir o que desejava e se reservaria para mais tarde fazer novas tentativas.

Porque não proseguiria Bartholomeu Lourenço nas suas experiencias?

É o que tentaremos elucidar com o estudo da sua vida,

(Continua).

Brito Rebello.

O AMIGO VISCONDE

IX

Nuno não dizia nada; e Valentina, com a cabeça baixa, continuava a bordar, silenciosa.

Então o Visconde contou que tinha assistido a um dos ultimos bailes da presidencia.

— Para disfructar um pouco — explicou elle com desdem.

— Aquillo é uma feira! — proseguiu, torcendo a guia do bigode e fazendo scintillar a luz os brilhantes dos aneis. — A' porta, colloca-se o presidente e a mulher; e, diante dos dois, vae desfilando uma enorme concorrencia de convidados. Tudo gente exquisita. Creio bem que muitas d'essas pessoas nem o proprio sr. Grevy as conhece...

— Deve ser extraordinario um baile assim! — interrompeu Izabel, que escutava com attenção.

— Sabe v. ex.^a quem estava n'esse ultimo baile? Sabe? As filhas da Fantine.

— Como? Da modista da rua do Oiro? Pode lá ser!

— Da modista, sim. E, pela simples razão de que a Fantine... Perdão! — emendou o Visconde baixando a cabeça — *madame Fantine* é, nem mais nem menos, do que prima do sr. Grevy.

Houve uma explosão de riso em torno da meza.

— É engraçado, não é? — perguntava o Visconde, ainda a rir.

D. Dorothea disse do seu canto:

— Quem eu lamento em toda essa catastrophe é a pobre imperatriz.

Todos concordaram que era uma victima.

— Pobre Eugenia!

Alvaro — imagine-se! estava n'um grande contentamento! Para obrigar o seu amigo a falar, perguntou-lhe se conhecia o Gambetta; se era, como se dizia, um homem notavel.

— Debaixo de certo ponto de vista, é. Agora, como distincção, como bom ar, como maneiras, ah! preferia muito o duque de Morny.

D. Dorothea tinha-o conhecido muito. Elle ia sempre visital-a ao camarote, quando a via na Opera.

— Que homem tão fino!

E falou de Morny com uma recordação saudosa, dando detalhes sobre a sua figura. Era calvo, de bigode preto, e apparecia sempre no theatro de casaca e de bengala.

— Sempre de bengala! Uma bengala de castão d'oiro com um grande rubi.

O reposteiro correu-se ao fundo, e dois criados entraram na sala, servindo o chá em bandejas de prata.

Os homens levantaram-se, e affastaram-se da meza, para dar passagem aos criados. D. Dorothea metteu dentro d'uma sacca de seda o seu *tricot*, e Valentina dobrou o bordado e collocou-o ao lado, sobre uma cadeira.

Emquanto o chá se servia, o Visconde, Nuno e Alvaro conversavam de pé, n'um grupo, falando baixo. Um criado aproximou-se, estendendo o taboleiro.

— Querem vocês antes um calix de vinho do Porto? — offereceu Alvaro.

Não! Tomavam chá. E cada um retirou para si uma chavena. Seguiu-se outro criado offerecendo bolos. O visconde não se serviu; e, com o pires n'uma mão e a chicara suspensa no ar entre dois dedos, continuava a conversar, sorvendo de longe em longe um golo.

— Lisboa — dizia elle — já esteve peor.

— Olha que ainda assim está seccante — disse Alvaro, trincando um bolo.

— Mas não acho que lá fóra a gente se divirta mais. Estás muito enganado! Pois que queres tu? Tens opera, tens bailes, tens passeios... Digo-te até: estou meio resolvido a passar aqui o anno todo.

Sorveu o ultimo golo de chá, e foi poisar a chicara sobre a bandeja.

Retiraram-se em seguida todos tres para outra sala contigua. Era uma sala pequena, forrada de verde. Tinha no centro uma meza antiga de pau preto, com os pés torneados. Sobre a meza estava a bilheteira de Saxe, que a tia Dorothea tinha dado a Valentina. A um lado da porta, via-se uma estante de livros, com as lombadas raçadas d'oiro. Em frente d'uma *chaise-longue* de marroquim verde, que ficava junto da parede, havia uma *causeuse* de velludo verde. Emquanto Alvaro, com o candieiro na mão, mostrava a Nuno os quadros que tinha na sala, o Visconde, todo reclinado no espaldar da *chaise-longue*, fumava um charuto, com o pé direito cruzado sobre o joelho da perna esquerda. Entre a calça e o sapato de verniz apparecia esticada sobre o tornozello a meia de seda preta bordada com ferradurinhas brancas. A sola do sapato invernisada de preto reluzia.

— Que belleza de quadro! — exclamava Alvaro, erguendo alto o candieiro — Olha este velho aio todo curvado para levantar a bola! Olha a ama do principe! Que bem feito!

— Que quadro é? — perguntou o Visconde, soprando o fumo para o tecto.

— Tu deves conhecer — disse Alvaro, voltando-se para traz — É a *Educação d'um principe de Fortuny*.

— Ah! Conheço o original — respondeu o visconde com um grande ar.

— É magnifico, não é?

— O Fortuny, meu caro, é um grande artista! Um Fortuny original custa hoje uma quantidade de mil francos!...

(Continua)

Alberto Braga.

RESENHA NOTICIOSA

GRÃOS-DUQUES DE MECKLEMBURGO — SCHWERIN. — Entrou no Tejo, e fundeu no dia 5 a corveta allemã *Dafne*, conduzindo a seu bordo aquelle principe.

NAUFRAGIO. — Por causa da cerração enclhou na madrugada do mesmo dia, proximo ao forte da Guia o vapor Inglez *Earl of Dumfries*, que vinha do Mediterraneo para Hamburgo. Foram salvos os 10 passageiros com suas bagagens e os 21 homens de tripulação, incluindo o commandante Arthur, por soccorros que lhe foram enviados de Cascaes e dos Oitavos.

EMIGRAÇÃO. — Chegou a Honolulu (ilhas de Sandwich) o vapor *Hankow* que dos archipelagos dos Açores e Madeira, levou, infelizmente para nós, cerca de 1:500 pessoas. Na viagem falleceram 25 creanças de sarampo e coqueluche.

TERREMOTO. — A ilha de Ischia, que em 1881, soffreu alguns prejuizos por effeito de um d'estes flagellos, (Vej. nosso 4.^o vol. pag. 91 e 93) passou agora por uma catastrophe horrorosa. Além de muitas aldeas arruinadas, a linda povoação de Casamicciola, foi completamente destruida. Muitas pessoas que estavam a banhos e em uso de aguas thermaes ficaram sepultadas nas ruinas. Contam-se mais de 2:000 mortos e de 800 feridos.

EXPOSIÇÃO DE ELETRICIDADE. — Foi aberta no 1.^o do corrente a que d'esta importante especialidade, se devia realizar em Vienna d'Austria.

MANOBRAS MILITARES. Desde 30 do corrente a 9 de setembro effectuar-se-hão em grande escalla na Belgica. A hypothese suppõe uma guerra entre a França e a Alemanha, que a Belgica impedirá se faça no seu territorio. — No nosso exercito ouve-se, de longe, falar em manobras.

EMPRESA CERAMICA. — Vae em breve começar a construção do edificio para a fabrica, que esta empresa vae fundar junto ao cemiterio dos Prazeres. O respectivo projecto já foi approvado pela direcção das obras publicas e camara municipal.

REVOLTA EM BADAJOZ. — Aproveitando a ausencia do capitão general, a banhos em Portugal, e d'um coronel, levantou o tenente-coronel de cavallaria Serafin Vega o grito de *Viva a republica*, á frente de umas 900 praças de infantaria, cavallaria, e de uma bateria de artilheria, na praça da Constituição, fazendo prisioneira a guarda civil, que não quiz adherir ao movimento, o bispo, o governador civil e outras auctoridades. Invadindo os paços do concelho, deitaram á rua o retrato de Affonso XII, que foi despedaçado. Não teve consequencias o movimento, o governo enviou forças, e os revoltosos já entraram em Portugal, depondo as armas perante o governador de Elvas, general Zucchelly, que n'esta conjunctura se houve com toda a sizudez e prudencia. Os revoltosos levantaram dos cofres cerca de 135:000\$000 réis.

JUSTIÇA. — Ainda que tardia, acaba de a fazer o sr. ministro da justiça. Tendo tomado conta da pasta da marinha achou em aberto, a divida sagrada, que a patria tinha obrigação de já ter pago á infeliz mãe d'aquelle heroe sobrehumano, o machinista José Maria de Campos (vej. o nosso n.^o 145, 1.^o do presente volume) que se sacrificou a uma morte certa, morrendo queimado, para salvar a vida dos seus camaradas. O sr. Julio de Vilhena, tomando nobremente a responsabilidade

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Por bem fazer mal haver.

do acto que praticou, concedendo á pobre mãe 158000 réis mensaes, pôde ter certo que a nação o applaude, sendo de sentir que ella não o possa fazer ao sr. Bodge, ministro effectivo, que durante seis mezes, não poude pensar um momento em tão sympathico assumpto. Notavel coincidência: a bordo do vapor *Julio de Vilhena*, estacionado na bocca do Zaire, abriu-se uma subscrição, na importancia de 468200, que era entregue á mãe do infeliz, quando o ministro, de quem o vapor tem o nome, resolvia por aquelle modo este assumpto.

CANHÃO MONSTRO. — Póde-se dar este nome ao maior que hoje se conhece, construido nos arsenaes italianos para o *Italia*. Tem 43 centímetros de diametro, dispara projecteis de 910 kilogrammas, com uma carga de polvora de 350 kilogrammas. Foi submettido ás necessarias experiencias, perante uma commissão, presidida pelo contra-almirante Rahula.

O **NADADOR WEBB.** — Tinha atravessado em 1875 o canal da Mancha. Havia-se agora proposto atravessar os rápidos do Niagara, a corrente é em geral de 39 milhas por hora, e a profundidade de 35 pés. As companhias das linhas ferreas haviam-lhe offerecido cerca de réis 10:000000, tal era a esperança de concurso. Effectivamente as margens, os altos, tudo se encheu de espectadores. O capitão Webb lançou-se á agua no dia 21 de julho, no meio d'um turbilhão de applausos, nadou facilmente, a corrente impelliu-o, de quando em quando apparecia no dorso de uma vaga, os applausos eram incessantes. Webb desaparece, torna a vêr-se sobre as vagas, mas chega ao sorvedouro e desaparece. Debalde se olha para aquelle ponto, nunca mais foi visto. Esperaram-se uns dias, appareceu o cadaver a que se fizeram as devidas honras fúnebres.

ABUNDANCIA DE TRIGO. — Este cereal fructificou exuberante o presente anno no Alemtejo; os celleiros estão a transbordar, o seu preço desceu a 450 réis, antigo alqueire, ou 337 réis o decalitre. Parabens ao povo se os monopolistas não assambarcarem tudo, para conservarem o preço elevado.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ ILLUSTRADO, etc., redigido pelos principaes escriptores portuguezes, Henrique Zeferino de Albuquerque editor, Lisboa. Fasciculos 53, 54 e 55, relativos ás letras B e M que estão sendo publicadas ao mesmo tempo. A publicação segue com regularidade.

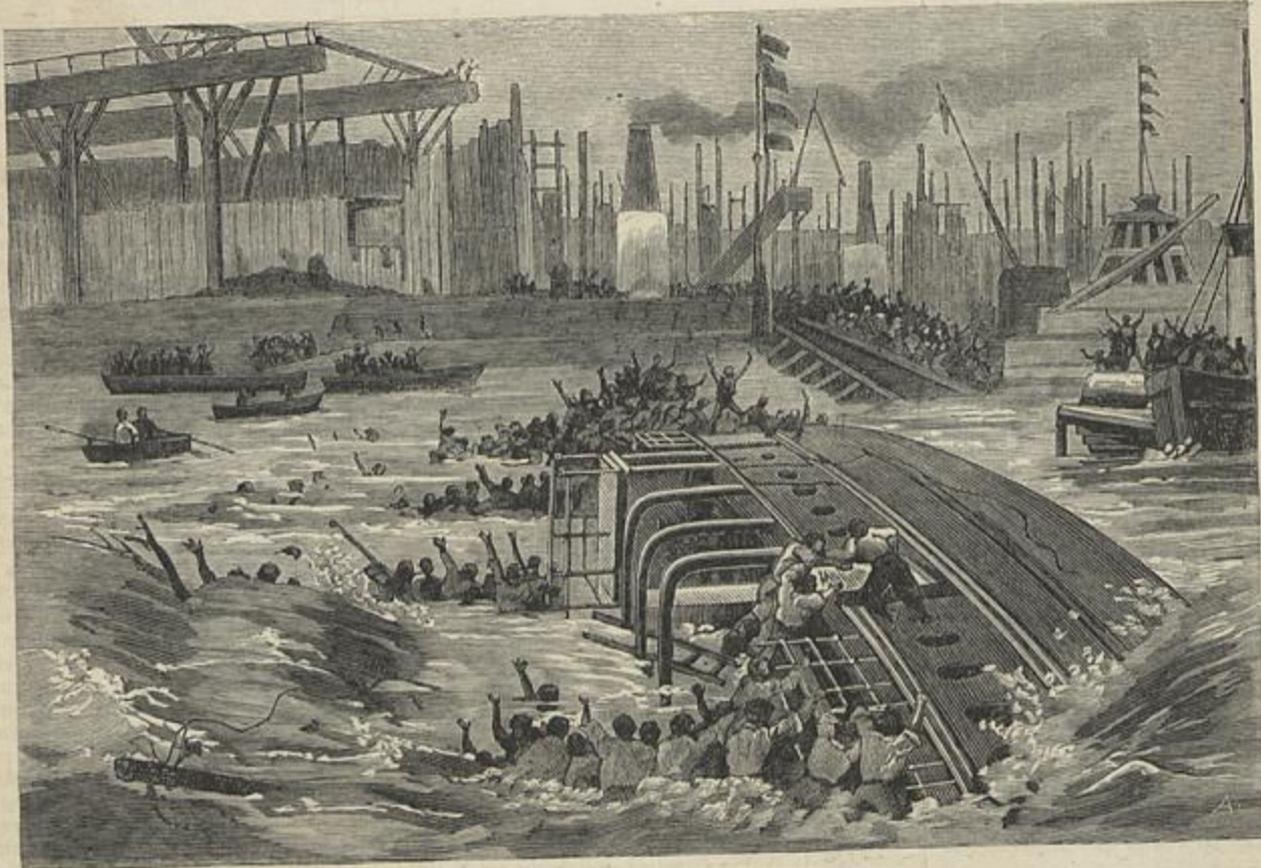
ESTREIA LITTERARIA, semanario scientifico, litterario e noticioso, director, José Augusto d'Oliveira, etc., Guarda. N.º 28 do 1.º anno, 31 de julho ultimo, de 8 paginas, 4.º grande edição vulgar, com artigos variados e algumas poesias.

GAZETA DOS HOSPITAES MILITARES publicada sob os auspicios do ministerio da guerra, redactores: Antonio Manuel da Cunha Belem, Guilherme José Ennes e Carlos Moniz Tavares, Lisboa. N.º 156 de 30 de junho. Este periodico que já

vae no 7.º anno de publicação, satisfaz cabalmente o fim que se propoz, publicando sempre artigos do maior interesse sobre medicina, cirurgia, hygiene e outros assumptos varios.

O **BIJOU** semanario litterario, noticioso, recreativo e charadistico, director João Salgado, Montemor-o-Novo. N.ºs 1 e 2 d'este semanario que principiou a vêr a luz em Montemor-o-Novo, o que não deixa de ser um symptoma, ainda que nos pese que se recorresse a uma palavra franceza, para denominar esta pequena folha de litteratura portugueza.

A **FLOR DAS MARAVILHAS,** scenas da guerra da peninsula por Alvaro Carrillo, traducção de A. M. da Cunha e Sá, David Corazzi editor, Lisboa. 3.º vol. d'este romance que desenha perfeitamente a epocha a que se refere, romantizando actos de verdadeira heroicidade, praticados durante aquelles calamitosos tempos.



DESASTRE DO VAPOR «DAPHNE» OCCORRIDO EM GLASGOW

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA LITTERATURA BRASILEIRA NO SEculo XIX. — *Ensaio de critica parlamentar,* por Sylvio Romero. — Rio de Janeiro, Editores Moveira, Maximo & C.ª, rua da Quitanda n.º 111 — 1883. — 4.º de 186 pag. e 1 de indice. O auctor chamando um a um os principaes personagens da politica brazileira, analisa-os mais pelas ideas politicas que possuem, ou parecem possuir, do que verdadeiramente pelo valor litterario das suas orações. A sua critica pois, parece-nos mais politica que litteraria, não podendo o auctor considerar-se imparcial, apesar do que afirma, porque a cada pagina vemos o homem que professa certas ideas politicas, e não o critico, collocado fóra e acima de todas as paixões.

A **COMEDIA DO AMOR,** por D. Guiomar Torreção; *Empreza litteraria de Lisboa, escriptorio,* 36, rua nova do Almada, 1.º — 8.º de XI — 310 pag. e 2 de indices e erratas. É muito conhecido o nome da auctora entre os litteratos portuguezes, e não tem sido escassos de elogios nem o seu espirito, nem o seu estylo. Concordando em parte com a opinião commum, só temos a lamentar que, ao ler estas paginas, duvidemos se são portuguezas, se francezas, tantas são as palavras e phrases da pobre lingua de Victor Hugo, com que a auctora lardea a riquissima lingua de Camões! Nem sequer, quando descreveu a modesta habitação de Alexandre Herculano, se esqueceu do francez! É pena.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, 1883 — David Corazzi, editor, *Empreza Horas Romanticas,* premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro. *Administração,* 40, Rua

da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil, 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. — *Reptis e batrachios* — *Texto illustrado com 30 gravuras demonstrativas e referencias especiaes á fauna de Portugal e Brazil.* Numero 59. — O estudo da *Introdução ás sciencias physico-naturaes,* (n.º 4) prepara o leitor para entrar em qualquer ramo d'essas sciencias; d'ahi passa á *Zoologia,* (n.º 6) estudo geral do reino animal, que se desdobra depois no dos *mamíferos* (n.º 15) e *Aves* (n.º 33) e outros que, como o presente, vão completando a série d'este interessante e importante estudo.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, fundada em 1875, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882. — 3.ª série, n.ºs 10 e 11. — Encerra o primeiro uma conferencia feita na sociedade, a 31 de julho de 1881, pelo sr. Jeronymo Maldonado d'Eça, relativa á *Australia; Nomes vulgares de algumas plantas africanas, principalmente angolenses,* continuado de outro antecedente,

pelo sr. conde de Ficalho; uma pequena noticia da ilha de Santa Helena, pelo sr. Augusto Osorio, official da armada portugueza, tendo porém a observar que o auctor enganou-se, quando disse: «pertence á nossa pequena nação a gloria de ter sido um portuguez João da Nova, o descobridor d'aquella ilha;» o descobrimento foi feito pela armada portugueza, a 3.ª que partiu para a India, do commando de João da Nova, que não era portuguez, mas gallego, ao serviço de Portugal. — *Exploração botanica nas colonias portuguezas; As exposições agricolas no ultramar,* que se continua no n.º 11, incluindo a

noticia da primeira exposição agricola em Cabo Verde, em 1881, muito importante; uma interessante noticia da ilha do Sal pelo nosso antigo amigo J. V. Botelho da Costa; A ousada marcha de *Geba ao Indornal* feita pelo alferes Francisco Antonio Marques Gerales, com uma carta; uma curiosa noticia de *Singapura e Malaca,* etc. e uma carta hydrographica do porto do Ambriz.

AS GRANDES EPOCHAS DA HISTORIA UNIVERSAL por Z. Consiglieri Pedroso, fasciculo n.º 4, no qual se termina quasi a 5.ª conferencia. A respeito d'este trabalho já fallamos a pag. 128 e 168 do presente volume.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, Saison d'été, n.º 1.º *Dimanche, 15, juillet de 1883.* — Encerra este numero os seguintes artigos: *La race slave,* por Emilio Castelar, *Le journaliste Sasa,* por Grazia Pierantoni Mancini; *Le terrier d'Ugolim,* por Armand Durantin; *Le 8.º peché capital* (roman), *Aix-la-jolie,* pela sr.ª de Rute; *Tout le monde part,* por Angel Muro, *Courrier de Biarritz* por Chevalier d'Athol, e de *Paris* por Camille Delaville; *La verbena de Saint-Jean* por Josefino; *Lettre de Barcelone: Les tablettes d'Isabelle,* poesias; *Affaires exterieures,* por A. B.; *D. Juan Francisco Camacho,* com retrato; *Le parlement espagnol,* por L. R. e a traducção do *Divorcio* de Antonio Ennes.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMNAT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6